

# A poesia das coisas de Eduard Mörike

## *The poetry of things by Eduard Mörike*

Marco Aurélio WERLE\*  
Universidade de São Paulo (USP)

**RESUMO:** O artigo que se segue consiste num comentário e tradução de um idílio de Eduard Mörike, intitulado O velho galo da torre. Trata-se de situar as características da lírica desse poeta, marcada pela Dinggedicht [poesia das coisas] e por uma atmosfera de espírito tipicamente pós-idealista, ainda romântica, embora já realista, de meados do século XIX.

**PALAVRAS-CHAVE:** Eduard Mörike, Poesia, Metafísica.

**ABSTRACT:** The following article consists of a commentary and translation of an idyll by Eduard Mörike, entitled The old tower cock. It is a question of situating the characteristics of the lyric of this poet, marked by the Dinggedicht and an atmosphere of ancient post-idealist spirit, still romantic, but realistic since the 19th century.

**KEYWORDS:** Eduard Mörike, Poetry, Metaphysics

O poeta Eduard Mörike (1804-1875) começou a se projetar na literatura alemã com o romance *O pintor Nolten*, de 1832. Sua obra mais importante, no entanto, foi a coletânea de poemas (1867, última versão), que o destacou como um dos nomes mais significativos da poesia lírica alemã de meados do século XIX, posterior à época de Goethe e Schiller. Dessa coletânea consta o idílio *O velho galo da torre*, com 18 estrofes e 239 versos, do ano de 1840, publicado em 1852, e cuja tradução apresentamos pela primeira vez ao público brasileiro.

A poesia de Mörike é classificada como sendo romântica e realista ao mesmo tempo, pois combina traços de uma intuição viva com elementos populares, apresentados com interioridade e sentimento, numa atitude simples e destituída de pretensão transcendental ou metafísica. Sua forma literária, em hexâmetros no caso do idílio em questão, é refinada e apurada, prima pela clareza e evita a obscuridade, aproximando-se de uma elevada exposição imagética contemplativa e pictórica, como se vê de modo exemplar em *O galo da torre*, que não à toa foi transposto em ilustrações pelo pintor contemporâneo Ludwig Richter (1803-1884)<sup>1</sup>.

---

\* Professor Titular do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo. E-mail:mawerle@usp.br

Esse idílio também é considerado como sendo um *Dinggedicht* [poema da coisa], um tipo de poesia que alcançou posteriormente, no começo do século XX, uma grande fortuna crítica com Rainer Maria Rilke, na aproximação que esse poeta teve com o escultor Auguste Rodin e com as artes plásticas, principalmente dos expressionistas, mas também com Paul Cézanne. Pode-se ainda dizer que Heidegger, que se dedicou a Rilke no ensaio *Para quê poetas?*, transpôs a ideia do *Dinggedicht* para o seio da própria filosofia, enquanto um pensar que fica junto às coisas, um *An-denken*, que é também um “recordar”. O ensaio *A coisa* dá testemunho disso. Heidegger inclusive discutiu com o germanista Emil Staiger uma interpretação de um poema de Mörike, intitulado *Sobre uma lâmpada* [*Auf eine Lampe*]<sup>2</sup>. Esse poema termina com um verso significativo: “Mas, o que é belo, serenamente brilha nele mesmo” [Was aber schön ist, selig scheint es in ihm selbst.]

O *Dinggedicht* consiste numa poesia que se pretende fenomenológica e hermeneuticamente objetiva, deixando que a própria coisa se exponha e se interprete a si mesma, sem que o eu lírico ou o intérprete/leitor intervenha de modo dominante. A subjetividade e a figura do poeta se colocam em segundo plano. Ora, é justamente essa a perspectiva que perpassa *O velho galo da torre*, idílio que se desenvolve inteiramente como uma narração feita pelo próprio galo e que vai nos revelando ou descortinando seu destino, depois de ele ter sido destronado da torre da igreja do vilarejo Cleversulzbach, do sudoeste da Alemanha (atualmente o noroeste do estado de Baden-Württemberg) e ter encontrado uma acolhida na casa do pastor. O desenvolvimento do poema lida também com aspectos próprios da poesia épica, ou melhor, de um prosaísmo, acompanhados aqui e ali por breves e certas efusões líricas, dotadas de uma auto ironia e humor aguçados, bem próprios do povo da então Suábia. Ressoa também no poema a característica da fábula, na qual falam os animais, um gênero que foi muito discutido no período clássico da poesia e filosofia alemãs, por Lessing e Herder, e depois praticado, com variações, por Goethe. O galo da torre é uma figura estática e imóvel, que, mais do que agir, observa e contempla o pequeno mundo doméstico interior no qual vive. E sua expressão se assemelha a uma introspecção e monólogo.

A disposição de ânimo da poesia de Mörike encontra-se marcada por uma época que se entende como já não sendo mais propriamente idealista, encaminhando-se para uma atmosfera naturalista e realista que marcará a sequência do século XIX, o “longo século XIX”, segundo nos retratam os romances de Theodor Fontane. Esse século viu nascer a moderna sociedade industrial e, na Alemanha, a ascensão da burguesia, cuja visão de mundo também é dominante

---

<sup>1</sup> *O galo da torre* e as ilustrações de Ludwig Richter podem ser encontradas nesse site: <http://www.goethezeitportal.de/wissen/illustrationen/eduard-moerike/der-alte-turmhahn.html>. Além de ser uma inspiração para os artistas plásticos, Mörike teve muitos de seus poemas musicados, principalmente por Hugo Wolf, mas também por Robert Schumann.

<sup>2</sup> Cf. Staiger, E. *Die Kunst der Interpretation. Studien zur deutschen Literaturgeschichte* [A arte da interpretação. Estudos sobre a história da literatura alemã], de 1961. O diálogo entre ambos, em forma de cartas, acerca desse poema de Mörike, saiu primeiramente na revista *Trivium*.

em *O velho galo da torre*: o galo é destronado, aceita resignado sua sina e, a seguir, louva mais de uma vez seu novo destino como adorno doméstico numa casa bem aquecida e calorosa, protegida o ano todo, principalmente do inverno rude do sudoeste da Alemanha.

*O velho galo da torre* destronado é uma forte metáfora da época posterior a 1830, quando o mundo alemão e europeu passa a entrar em agitações e inquietações sociais frequentes, de modo que uma parcela dos seres humanos, principalmente do interior da Alemanha, passa a defender e cultivar um estilo de vida que se pode designar em grande medida como sendo pequeno-burguês. No entanto, essa perspectiva não deve necessariamente ser tomada como marcando um conservadorismo ou uma atitude de fuga e não enfrentamento dos chamados verdadeiros problemas sociais. Trata-se antes, e isso se reflete na disposição de ânimo do galo da torre, de uma opção serena e segura pela vida tradicional, orientada pela religião e que já vem se estendendo por séculos e que agora, num tempo agitado, penetrou na poesia como um valor a ser sobretudo cultivado e preservado, sem maiores ilusões ou utopias.

Certamente o horizonte de expectativas se rebaixou, em comparação com a euforia e a esperança do início do século XIX, marcado por desdobramentos suscitados pela Revolução Francesa e dominado na Alemanha e na Europa em geral pelo classicismo e romantismo em seu auge. A satisfação com ambientes rurais e simples, do dia a dia na vida do campo, é uma certa resposta ou alternativa a um mundo que começa a ficar cada vez mais rápido, complexo e técnico, marcado cada vez mais pela ideia de progresso e pela vida urbana das grandes cidades que vão surgindo. O mundo alemão de Mörike certamente é diferente do “pintor da vida moderna” ou do *flâneur* de Charles Baudelaire, que nessa mesma época passeava pelas ruas de Paris. Em ambos, porém, domina um estado de ânimo semelhante, apesar das diferenças: reflete-se ou reage-se a um mundo que não é mais “idealista” e sim já decadente ou melancólico, no sentido de como esse mundo é retratado, por exemplo, no filme de Visconti, *O Leopardo* ou no romance *Os Budenbrooks*, de Thomas Mann. Mörike lembra mesmo um dos tios de Thomas Budenbrooks, que traduzia para o alemão, com muito vagar, sem ambições maiores, o espanhol Lope de Vega.

Apesar do progresso intenso, ou justamente por isso, é um mundo que começa a perder sua estabilidade, a noção do simples e da fruição de momentos de paz e tranquilidade, já que o ritmo de tudo começa a se acelerar, tanto na esfera material quanto social. Diante disso, Mörike nos diz na primeira e na quarta estrofe do poema *Encobrimento* [*Verborgenheit*]: “Deixe-me, oh mundo, deixe-me ser!/Não atraia com dádivas de amor!/Deixe o coração sozinho/Ter seu encanto e sua dor!”<sup>3</sup>. Sente-se que o elevado não é mais alcançável, que a vida começa a ficar

---

<sup>3</sup> Mörike, Eduard. “Verborgenheit” In: *Sämtliche Werke in zwei Bänden*. Mit einem Nachwort von Benno von Wiese sowie Anmerkungen, Zeittafel und Bibliographie von Helga Unger, Bd. 1, München: Winkler, 1967, p. 744. Dionei Mathias traduziu assim essas estrofes: “Deixa, oh mundo, oh me deixa em paz!/Não me atraia com os dons do amor, /Deixem este coração sozinho ter/ Sua felicidade, sua angústia!” (artigo “A fragilização do sentido em três poemas de Eduard Mörike” In: *Revista de Letras*, São Paulo, v. 59, n.1, jan./jun. 2019, p. 178. <https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/view/13444>

sob a ameaça da inquietação e da perda de sentido, daí a necessidade de, uma vez destronado, o galo, depois de ter servido por 113 anos, resignar-se com o calor de um fogão bem aquecido no inverno e não, como diz o último verso, ainda pretender viver mais cem anos. Aliás, o objeto ou a coisa fogão é central, sendo evocado 6 vezes e percorrendo todo o idílio: desde a chegada do galo ao seu novo lar, passando pela preparação do sermão do pastor, na interação com a cozinha e como signo de acolhida, até a última estrofe, como um bem valioso a não ser desprezado em troca de uma volúpia e vaidade mundana e de uma eternidade ilusória.

Para compreender o lugar estético, cultural e filosófico de *O velho galo da torre* talvez possa ser ainda instrutiva uma comparação com o *pathos* dominante da poesia lírica anterior, da época clássica de Goethe e Schiller. Tomemos *A canção sobre o sino* (1799) de Schiller, um poema que igualmente foi ilustrado por Ludwig Richter<sup>4</sup>. Essa comparação com Schiller parece fazer sentido tendo em vista que o gênero “idílio” é considerado por Schiller como sendo um dos mais importantes para o poeta moderno sentimental. E no poema de Mörike, por mais afastado que esteja do universo schilleriano, se realiza aquilo que desse gênero se espera na época moderna prosaica. Pois, segundo Schiller, o idílio deve realizar “a inocência bucólica mesmo nos indivíduos de cultura e mesmo em meio a todas as mais vigorosas e ardentes condições de vida... um idílio que conduza ao Elísio o homem que não pode mais voltar à Arcádia.” (Schiller, *F. Poesia ingênua e sentimental*, trad. de Márcio Suzuki, São Paulo, Iluminuras, 1991, p. 87).

A canção de Schiller sobre o sino possui uma certa analogia com o idílio de Mörike sobre o galo, pois se trata de experimentar a constituição da vida e situações existenciais por meio de dois “objetos” significativos: o sino e o galo da torre. Ambos são símbolos religiosos que convocam para uma reunião (sino) e são um ponto de referência no alto da igreja (o galo da torre). A epígrafe latina do poema de Schiller ironicamente lembra a função do galo de Mörike: “Vivos voco, mortuos plango, fulgura frango” [Chamo os vivos, choro os mortos, afugento os raios]<sup>5</sup>.

No poema de Schiller se trata da confecção de um sino (metáfora do próprio poema), o qual requer trabalho árduo e sério (1. e 2. estrofes) e diferentes etapas a serem respeitadas, por meio dos diferentes moldes constituídos e novamente destruídos<sup>6</sup>. É preciso uma espera e uma maturação da forma assentada na terra e no barro (14. estrofe), uma fusão do material pelo fogo, desde o mais suave ao mais rigoroso, pois é isto que emite um belo som (8. estrofe). A energia da fusão vem do fogo, este elemento vital, força celestial que é filha da natureza (11.

<sup>4</sup> Cf. <http://www.goethezeitportal.de/wissen/illustrationen/friedrich-schiller/die-glocke/ludwig-richter-schillers-lied-von-der-glocke.html>. A família de Schiller, diga-se de passagem, vem da mesma região de Cleversulzbach, onde Mörike foi pastor. As mães de Schiller e Mörike estão sepultadas no cemitério de Cleversulzbach.

<sup>5</sup> Schiller, Friedrich. “Das Lied von der Glocke” In: *Sämtliche Werke, Auf Grund der Originaldrucke herausgegeben von Gerhard Fricke und Herbert G. Göpfert in Verbindung mit Herbert Stubenrauch*, 3. Auflage, München: Hanser, 1962, Band 1, p. 430.

<sup>6</sup> A interpretação que se segue retoma, quase ao pé da letra, a análise que fiz desse poema em meu livro *A poesia na estética de Hegel*, Humanitas, 2005, p. 221-22, lembrando que o poema sobre o sino é citado por Hegel no capítulo sobre a poesia lírica dos *Cursos de estética*.

estrofe) e provoca tanto a destruição quanto a renovação. No nascimento do sino se espelha o curso da vida e ele mesmo anuncia as etapas do dia e da vida, o nascimento, o crescimento e a morte, a labuta diária, o repouso, a insegurança e a confiança que o ser humano deposita na terra e nos materiais de sua subsistência. A vida é paixão, amor e fruto do amor no casamento e na divisão das tarefas diárias (8. estrofe). Enfim, o sino se ergue no alto do céu assim como uma coletividade se torna vigorosa abaixo dele, ressoando para a concórdia na paz da comunidade congregada no culto. No culto tomamos consciência do ritmo da vida, aprendemos a rechaçar os exageros e as carências da finitude da vida, celebrando o eterno, a voz que vem do alto (27. – 30. estrofes). O sino é esta voz divina, que descende do céu para guiar a vida terrena e mundana, um signo para a verdadeira idealização que, passando pela finitude, afirma a infinitude.

No poema de Schiller estamos mergulhados numa atmosfera idealista: olha-se para o mundo que está por vir, o futuro, a quem se destina o sino que está sendo produzido. É a afirmação da infinitude na finitude, o ideal no real. Já no poema de Mörike, se trata antes de uma despedida de mundo, de um fim ou de algo próximo de um término de um ciclo de vida, se nos colocarmos na ótica do velho galo da torre, que deixa seu lugar no alto para um outro assumir seu posto. O poema de Schiller é ascendente, começa de baixo e se eleva cada vez mais, numa espécie de formação ou educação da humanidade. Já o galo de Mörike é rebaixado, descido de seu pedestal, de seu lugar de destaque no topo da igreja. “Não terás de novo cem anos”, conclui o idílio. A ordem temporal se faz valer como efemeridade, ao contrário do idealismo em grande medida atemporal e sublime de Schiller. É como se o galo fosse aposentado, seu tempo estacionasse, sendo que o galo passa a desfrutar o resto de seus dias como uma relíquia num cômodo de uma casa. Curiosamente, o galo, no momento em que é retirado do teto da igreja e é carregado para baixo, vive um último instante de interação com seus colegas, os sinos da igreja, ao passar por eles na descida. Estes, por sua vez, dão graças a Deus por não terem sido também destituídos ou retirados, ou seja, por poderem ainda ficar pendurados.

Schiller canta o futuro, a elevação, num movimento parecido com o que vemos nas sinfonias de Beethoven e mesmo na *Fenomenologia do espírito* de Hegel e no romance *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* de Goethe, como se estivesse a anunciar a própria utopia de uma sociedade harmoniosa e feliz. Já as expectativas de Mörike são menos sublimes, mas nem por isso destituídas de ingredientes que remetem a uma possível reconciliação. É uma reconciliação que prima menos pela solenidade e gravidade de um *pathos* elevado do que por uma atitude mais leve e bem humorada.

Talvez esteja aí, para nós hoje, um atrativo desse tipo de poesia de Mörike, pois ela nos remete à necessidade de talvez abandonarmos as expectativas grandiosas ou grandiloquentes de mundo e percebermos que talvez as pequenas alegrias, os encontros e as lembranças, vistas com moderação e bom humor, podem também ser o lugar do sentido da existência humana. Mais do que o idealismo, de cunho universal e cosmopolita, vale atentar para aspectos antropológicos locais. A humanidade começa a entrar na época da filosofia da vida e da hermenêutica, mas também do materialismo, de modo que o indivíduo busca se encontrar a si no cotidiano das coisas e das vivências.

*O velho galo da torre/Der alter Turmhahn<sup>7</sup>*

*Idílio/Idylle*

Eduard Mörike

Em Cleversulzbach, no Unterland  
Fiquei por cento e treze anos,  
Um bom galo sobre a torre da igreja,  
Como um adorno e cata-vento.  
Em tempestades, ventos e noites de chuva  
Guardando por todo tempo o povoado.  
Muitos relâmpagos errantes me roçaram,  
O frio congelando minha crista vermelha,  
E em muitos queridos dias de verão,  
Quando se adora ter uma sombra,  
O sol me fitava, não amigável  
Quente sobre meu corpo dourado.  
Assim fiquei bem preto, como um velho,  
E se foi toda cintilação e brilho.  
Fui, então, por fim, desprezado  
E me destronaram em desgraça.  
Meu destino! Assim é o curso do mundo,  
Agora colocarão outro lá no alto.  
Pode se orgulhar, se virar e se mostrar!  
A ti o vento ainda dará uma outra cor.

Adeus, ó vale, tu montanha e vale!  
Colinas de videiras, florestas todas!  
Amada torre e telhado de igreja,  
Cemitério e ponte sobre o riacho!  
Tu poço, para onde de manhã e de tarde  
Correm o gado, ovelhas e vacas,  
João vem atrás com a vara,  
E Eva de chicote no cavalo malhado!

Zu Cleversulzbach im Unterland  
Hundertunddreizehn Jahr ich stand,  
Auf dem Kirchenturm ein guter Hahn,  
Als ein Zierat und Wetterfahn.  
In Sturm und Wind und Regennacht  
Hab ich allzeit das Dorf bewacht.  
Manch falber Blitz hat mich gestreift,  
Der Frost mein' roten Kamm bereift,  
Auch manchen lieben Sommertag,  
Da man gern Schatten haben mag,  
Hat mir die Sonne unverwandt  
Auf meinen goldigen Leib gebrannt.  
So ward ich schwarz für Alter ganz,  
Und weg ist aller Glitz und Glanz.  
Da haben sie mich denn zuletzt  
Veracht't und schmählich abgesetzt.  
Meinhalb! So ist der Welt ihr Lauf,  
Jetzt tun sie einen andern 'nauf.  
Stolzier, prachtier und dreh dich nur!  
Dir macht der Wind noch andre Cour.

Ade, o Tal, du Berg und Tal!  
Rebhügel, Wälder allzumal!  
Herzlieber Turm und Kirchendach,  
Kirchhof und Steglein übern Bach!  
Du Brunnen, dahin spat und früh  
Öchslein springen, Schaf und Küh,  
Hans hinterdrein kommt mit dem Stecken,  
Und Bastes Evlein auf dem Schecken!

---

<sup>7</sup>Mörike, Eduard. "Der alte Turmhahn" In: Sämtliche Werke in zwei Bänden. Mit einem Nachwort von Benno von Wiese sowie Anmerkungen, Zeittafel und Bibliographie von Helga Unger, Bd. 1, München: Winkler, 1967, p. 787-794.

Vós cegonhas e andorinhas, rudes pardais, Não os ouvirei tagarelar mais! Toda sujeira de vocês me foi amável, Pois me sujaram com lealdade. Adeus, reverências, ó, senhor pastor, Também o mestre de escola, tu pobre louco! Terminou o que me alegrou tanto tempo, Sinos e órgão, cantos e sons.	Ihr Störch und Schwalben, grobe Spatzen, Euch soll ich nimmer hören schwatzen! Lieb deucht mir jedes Drecklein itzt, Damit ihr ehrlich mich beschmitzt. Ade, Hochwürden, Ihr Herr Pfarr, Schulmeister auch, du armer Narr! Aus ist, was mich gefreut so lang, Geläut und Orgel, Sang und Klang.
--	--

Lá da minha altura eu cantava, E continuaria cantando por muito tempo, Veio então um certo demônio corcunda, Pensei que fosse o limpador de telhados, Me agarrou e, com alguns empurrões rudes Consegui me soltar todo do poleiro. Meu velho corpo malhado parecia quebrar, Ao descer com ele pelo telhado Fazendo ruídos pelos sinos abaixo; Que se arregalaram muito admirados, Mas o ânimo deles não se abalou muito, Pois pensaram: estamos bem pendurados.	Von meiner Höh so sang ich dort, Und hätt noch lang gesungen fort, Da kam so ein krummer Teufelhöcker, Ich schätz, es war der Schieferdecker, Packt mich, kriegt nach manch hartem Stoß Mich richtig von der Stange los. Mein alt breshafter Leib schier brach, Da er mit mir fuhr ab dem Dach Und bei den Glocken schnurrt hinein; Die glotzten sehr verwundert drein, Regt' ihnen doch weiter nicht den Mut, Dachten eben, wir hangen gut.
--	---

Como ferro-velho me levariam Agora para o mestre ferreiro; Ele pagou duas bagatelas e achou Que gastou muito por tal troço. Fiquei, então, nessa mesma tarde Entristecido diante de sua oficina. Uma árvore – a época do ano era maio – Jogava pétalas brancas de neve sobre mim, Galinhas cacarejavam em torno de mim, Sem notar que tipo de parente eu seria. Passa então meu pastor pela frente, Saúda o mestre e sorri: “Ei, O que aconteceu contigo, pobre galo? André, o que pretendes fazer com ele? Não podes nem cozinhá-lo nem fritá-lo,	Jetzt tät man mich mit altem Eisen Dem Meister Hufschmied überweisen; Der zahlt zween Batzen und meint Wunder, Wieviel es wär für solchen Plunder. Und also ich selben Mittag Betrübt vor seiner Hütte lag. Ein Bäumlein - es war Maienzeit – Schneeweiße Blüten auf mich streut, Hühner gackeln um mich her, Unachtend, was das für ein Vetter wär. Da geht mein Pfarrherr nun vorbei, Grüßt den Meister und lächelt: Ei, Wärs so weit mit uns, armer Hahn? Andrees, was fangt Ihr mit ihm an? Ihr könnt ihn weder sieden noch braten,
--	---

Seria para mim muito difícil,  
Não tratar bem um velho servo da igreja  
E não tomá-lo em proteção e acolhê-lo.  
Venha! Leve-o logo para minha casa,  
E tome também um fresco copo de vinho.”

O safado fuliginoso, sem pestanejar,  
Me levantou do chão e riu.  
Não falta muito e estarei livre para  
Um grito de alegria aos céus.  
Na casa do pastor, o hóspede estranho  
Quase assustou todo mundo;  
Mas, logo em cada semblante  
Se acendeu uma luz muito amigável.  
Mulher, serva e servo, meninas e meninos,  
Ao grande galo na sala de estar  
Com um som de vozes variadas  
Saudaram, olharam e tocaram.  
Então o homem de Deus suavemente  
Me carregou com as próprias mãos  
Até seu quarto, subindo as escadas,  
E todos o seguiram em ruído.

Aqui mora a paz no limiar!  
Nas paredes brancas e claras  
Logo me acolheu um ar especial,  
Aroma de livros e de sabedoria,  
Cheiro de gerânio e resedá,  
Também um odor de tabaco.  
(Tudo isso me era desconhecido.)  
Um velho fogão se encontrava  
Do lado esquerdo, no canto.  
E se erguia reto como uma torre  
Com seu pico até o teto,  
Com colunas e flores encrespadas.  
Ó encantador assento de descanso!  
No alto, sobre a pequena coroa

Mir aber müsst es schlimm geraten,  
Einen alten Kirchendiener gut  
Nicht zu nehmen in Schutz und Hut.  
Kommt! tragt ihn mir gleich vor ins Haus,  
Trinket ein kühl Glas Wein mit aus.

Der rußig Lümmel, schnell bedacht,  
Nimmt mich vom Boden auf und lacht.  
Es fehlt' nicht viel, so tat ich frei  
Gen Himmel einen Freudenschrei.  
Im Pfarrhaus, ob dem fremden Gast  
War groß und klein erschrocken fast;  
Bald aber in jedem Angesicht  
Ging auf ein rechtes Freudenlicht.  
Frau, Magd und Knecht, Mädlein und Buben,  
Den großen Göckel in der Stuben  
Mit siebenfacher Stimmen Schall  
Begrüßen, begucken, betasten all.  
Der Gottesmann drauf mildiglich  
Mit eignen Händen trägt er mich  
Nach seinem Zimmer, Stiegen auf,  
Nachpolteret der ganze Hauf.

Hier wohnt der Frieden auf der Schwel!  
In den geweißten Wänden hell  
Sogleich empfing mich sonde Luft,  
Bücher- und Gelahrtenduft,  
Gerani- und Resedaschmack,  
Auch ein Rüchlein Rauchtabak.  
(Dies war mir all noch unbekannt.)  
Ein alter Ofen aber stand  
In der Ecke linker Hand.  
Recht als ein Turn tät er sich strecken  
Mit seinem Gipfel bis zur Decken,  
Mit Säulwerk, Blumwerk, kraus und spitz.  
O anmutsvoller Ruhesitz!  
Zu oberst auf dem kleinen Kranz

O ferreiro me plantou num poleiro.

Vejam comigo atentamente a obra!  
Parece ser uma catedral inteira;  
Bem ornada com descrições,  
Esquadrinhada com rimas cristãs.  
Muitas palavras dali captei,  
Pois, o fogão é um bom refúgio  
Para as crianças, os amigos e os idosos,  
Para conversar quando venta e neva.

Aqui vocês veem, sobre os pratos  
A guerra de um bispo com ratos,  
Seu castelo no meio do rio Reno.  
Os bichos vem nadando rápido,  
Os servos com as armas não os detém,  
Sempre mais rabos vão chegando.  
Milhares em grande quantidade,  
Ousados caminham sobre o muro,  
Atacam o aposento do padre;  
E ele precisa morrer com grande dor,  
Devorado pelos animais,  
Com quem se mediu com perjúrio.  
A seguir o festim do rei Baltazar,  
Mulheres e jogadores, muita festa;  
Para grande espanto, na parede  
Uma mão espiritual lança mistérios.  
Por fim, na frente se coloca algo  
Para Sara escutar atrás da porta,  
Quando o Senhor com Abraão  
Começa a falar diante de sua tenda,  
E lhe promete um filho.  
Sara não conteve seu riso,  
Pois ambos já têm muita idade.  
O Senhor o percebe e pergunta:  
“Como? Sara ri? Ela não crê que  
Facilmente ocorre o que o Senhor quer?”

Der Schmied mich auf ein Stänglein pflanzt’.

Betrachtet mir das Werk genau!  
Mir deuchts ein ganzer Münsterbau;  
Mit Schildereien wohl geziert,  
Mit Reimen christlich ausstaffiert.  
Davon vernahm ich manches Wort,  
Dieweil der Ofen ein guter Hort  
Für Kind und Kegel und alte Leut,  
Zu plaudern, wann es wind’t und schneit.

Hier seht ihr seitwärts auf der Platten  
Eines Bischofs Krieg mit Mäus und Ratten,  
Mitten im Rheinstrom sein Kastell.  
Das Ziefer kommt geschwommen schnell,  
Die Knecht nichts richten mit Waffen und Wehr,  
Der Schwänze werden immer mehr.  
Viel Tausend gleich in dicken Haufen,  
Frech an der Mauer auf sie laufen,  
Fallen dem Pfaffen in sein Gemach;  
Sterben muss er mit Weh und Ach,  
Von den Tieren aufgeessen,  
Denn er mit Meineid sich vermessen.  
Sodann König Belsazers seinen Schmaus,  
Weiber und Spielleut, Saus und Braus;  
Zu großem Schrecken an der Wand  
Rätsel schreibt eines Geistes Hand.  
Zuletzt da vorne stellt sich für  
Sara lauschend an der Tür,  
Als der Herr mit Abraham  
Vor seiner Hütte zu reden kam,  
Und ihm einen Sohn versprach.  
Sara sich Lachens nicht entbrach,  
Weil beide schon sehr hoch betaget.  
Der Herr vernimmt es wohl und fraget:  
Wie, lachet Sara? glaubt sie nicht,  
Was der Herr will, leicht geschicht?

A mulher, sempre em disparates,  
Responde: “Eu não ri.”  
Isso já foi quase uma mentira,  
Mas, o Senhor deixou passar,  
Porque ela não nega por má astúcia,  
Pois também é uma patriarca.

Desde que aqui estou, parece-me  
Que a época do inverno é a mais bela aqui.  
Como fluem suaves todos os dias  
Até o querido fim de semana!  
Noite de sexta-feira, ainda às nove,  
No consolo de sua lâmpada sozinho,  
Meu senhor começa seu sermão  
A estudar; não podia ser diferente;  
Ele se aquece um pouco no fogão,  
E então inquieto se movimenta:  
Seu texto já excita suas veias;  
E ele então põe sua obra em curso.  
De vez em quando também  
Ele descerra uma janela –  
Ah! Uma pura onda de ar das estrelas  
Vem em grande massa sobre mim!  
Vejo cintilar o Verrenberg,  
O Schäferbühl grosso de neve!

Por fim ele se senta para escrever,  
Toma uma folha, molha a pena,  
Esboça seu Alfa e seu O  
Sobre o exórdio.  
E eu, do meu pedestal,  
Não perco de vista meu senhor;  
Vejam como ele olha fixo na luz,  
Pensa, mede o peso de cada palavra,  
E agarra rápido uma presa no ar,  
Alisa o fio vermelho do pavio;  
E de vez em quando também

Das Weib hinwieder Flausen machet,  
Spricht: Ich habe nicht gelachtet.  
Das war nun wohl gelogen fast,  
Der Herr es doch passieren lasst,  
Weil sie nicht leugt aus arger List,  
Auch eine Patriarchin ist.

Seit dass ich hier bin dünket mir  
Die Winterszeit die schönste schier.  
Wie sanft ist aller Tage Fluss  
Bis zum geliebten Wochenschluss!  
Freitag zu Nacht, noch um die Neune,  
Bei seiner Lampen Trost alleine,  
Mein Herr fangt an sein Predigtlein  
Studieren; anderst mags nicht sein;  
Eine Weil am Ofen brütend steht,  
Unruhig hin und dannen geht:  
Sein Text ihm schon die Adern reget;  
Drauf er sein Werk zu Faden schläget.  
Inmittelst einmal auch etwan  
Hat er ein Fenster aufgetan –  
Ah, Sternenlüfteschwall wie rein  
Mit Haufen dringet zu mir ein!  
Den Verrenberg ich schimmern seh,  
Den Schäferbühel dick mit Schnee!

Zu schreiben endlich er sich setzet,  
Ein Blättlein nimmt, die Feder netzet,  
Zeichnet sein Alpha und sein O  
Über dem Exordio.  
Und ich von meinem Postament  
Kein Aug ab meinem Herrlein wend;  
Seh, wie er, mit Blicken steif ins Licht,  
Sinnt, prüfet jedes Worts Gewicht,  
Einmal sacht eine Prise greifet,  
Vom Docht den roten Butzen streifet;  
Auch dann und wann zieht er vor sich

Pronuncia um dito para si,  
E eu, com a cabeça inclinada  
Ávido o trago logo para a goela.  
Assim, lentamente chegamos  
Até o começo applicatio.

Logo o guarda grita onze horas.  
Meu senhor pensa: é hora de dormir;  
Afasta sua cadeira e toma a luz;  
“Boa noite, pastor!” – Ele não ouve.

No escuro eu estaria, pois, sozinho.  
Mas isso não me é algo penoso.  
Escuto na registratura  
A hora mortal, depois de um tempo,  
Rio em segredo da marta,  
Que se cansa e tateia no galinheiro;  
Ondas de vento sopram no telhado;  
Escuto como na floresta bem perto –  
Se ouve pelo consolo de uma ave  
Como está brabo o inverso furioso,  
Um carvalho se racha com estalo,  
Uma faia faz ecoarem os vales.  
Meus Deus! A gente se louva  
Grato por ter um fogão tão piedoso!  
Ele esquenta a noite toda,  
Há nele uma verdadeira benção.  
Penso que agora, por aí estão  
Bandidos, em roubo e morte;  
Penso como é muito bom ter à mão  
Uma brava fechadura e ferrolho!  
O que eu poderia querer fazer contra,  
Se escutasse uma escada sendo encostada;  
São, pois, pensamentos que surgem;  
Um suor quente se apodera de mim.  
Às duas, Deus louvado! E às três  
Ressoa no alto um canto de galo,

Ein Sprüchlein an vernehmlich,  
So ich mit vorgerecktem Kopf  
Begierlich bringe gleich zu Kropf.  
Gemachsam kämen wir also  
Bis Anfang Applicatio.

Indes der Wächter Elfe schreit.  
Mein Herr denkt: es ist Schlafenszeit;  
Ruckt seinen Stuhl und nimmt das Licht;  
Gut Nacht, Herr Pfarr! - Er hört es nicht.

Im Finstern wär ich denn allein.  
Das ist mir eben keine Pein.  
Ich hör in der Registratur  
Erst eine Weil die Totenuhr,  
Lache den Marder heimlich aus,  
Der scharrt sich müd am Hühnerhaus;  
Windweben um das Dächlein stieben;  
Ich höre, wie im Wald da drüben –  
Man heißet es im Vogeltröst  
Der grimmig Winter sich erbost,  
Ein Eichlein spalt't jähling mit Knallen,  
Eine Buche, dass die Täler schallen.  
Du meine Güt, da lobt man sich  
So frommen Ofen dankbarlich!  
Er wärmelt halt die Nacht so hin,  
Es ist ein wahrer Segen drin.  
Jetzt, denk ich, sind wohl hie und dort  
Spitzbuben aus auf Raub und Mord;  
Denk, was eine schöne Sach es ist,  
Brave Schloss und Riegel zu jeder Frist!  
Was ich wollt machen herentgegen,  
Wenn ich eine Leiter hört anlegen;  
Und sonst was so Gedanken sind;  
Ein warmes Schweißlein mir entrinnt.  
Um zwei, gottlob, und um die drei  
Glänzet empor ein Hahnenschrei,

E às cinco, com os sinos matutinos,  
Meu coração se eleva sem medo,  
E cheio de alegria se sobressalta,  
Quando o guarda finalmente canta:  
Bom dia, em nome de Jesus Cristo!  
O dia claro está aparecendo!

Uma horinha depois, minhas esporas  
Ainda estão um pouco congeladas,  
A Lisa se move no fogão e cantarola,  
Zune e zumba até o fogo acender.  
Sobe então da cozinha, nada mal,  
Um cheiro de sopa, banha e cebola.  
Por fim, asseado e renovado,  
Meu senhor volta ao trabalho.

No sábado um pastor deve ficar  
Bem em casa em sua clausura,  
Sem receber e fazer visitas,  
Nem abrir o barril e outras coisas.  
Meu pastor nunca tem esse apetite.

Uma vez, vocês não espalhem isso,  
Ele trabalhou durante a tarde toda  
Com o Fritz junto a um cinzel,  
Na mesa, vibrando e fumando,  
A mim, velho tolo, isso também agradou.

Chega agora o querido domingo.  
Os sinos chamam todos para a missa.  
O órgão já está tocando; parece que  
Estou sentado na sacristia.  
Não há ninguém em toda a casa;  
Ouço uma mosca, um camundongo.  
O sol penetrando pela janela,  
Passando por entre os cactos  
Até o pequeno púlpito de noqueira,

Um fünfe, mit der Morgenglocken,  
Mein Herz sich hebet unerschrocken,  
Ja voller Freuden auf es springt,  
Als der Wächter endlich singt:  
Wohlauf, im Namen Jesu Christ!  
Der helle Tag erschienen ist!

Ein Stündlein drauf, wenn mir die Sporen  
Bereits ein wenig steif gefroren,  
Rasselt die Lis' im Ofen, brummt,  
Bis 's Feuer angeht, saust und summt.  
Dann von der Küch' rauf, gar nicht übel,  
Die Supp ich wittre, Schmalz und Zwiebel.  
Endlich, gewaschen und geklärt,  
Mein Herr sich frisch zur Arbeit kehrt.

Am Samstag muss ein Pfarrer fein  
Daheim in seiner Klausur sein,  
Nicht visiteln, herumkutschieren,  
Seine Fass einbrennen, sonst hantieren.  
Meiner hat selten solch Gelust.

Einmal - Ihr sagts nicht weiter just –  
Zimmert' er den ganzen Nachmittag  
Dem Fritz an einem Meisenschlag,  
Dort an dem Tisch, und schwatzt' und schmaucht',  
Mich alten Tropf kurzweilt' es auch.

Jetzt ist der liebe Sonntag da.  
Es läut't zur Kirchen fern und nah.  
Man orgelt schon; mir wird dabei,  
Als säß ich in der Sakristei.  
Es ist kein Mensch im ganzen Haus;  
Ein Mücklein hör ich, eine Maus.  
Die Sonne sich ins Fenster schleicht,  
Zwischen die Kaktusstöck hinstreicht  
Zum kleinen Pult von Nußbaumholz,

Um antigo orgulho de marceneiro;  
Olhem o que está ali em volta,  
Concordância e doutrina infantil,  
Caixa de biscoitos, sigilo oficial,  
Que no tinteiro quer se espelhar,  
Bem provido de grãos e pedras,  
Que estão encravados no apontador  
E sobe pela cadeira de braço  
Bem alto até o armário de livros.  
Ali estão em pergaminho e couro  
À frente os piedosos pais da Suábia:  
Andreä, Bengel, Rieger juntos,  
Com Oetinger também se ve aí.  
Assim ela lê os nomes dourados,  
E mais dourada sua boca os beija,  
Assim a harpa de Hiller os toca  
Escutem! Não soa? Falta pouco.

Ali no meio anda suave uma arranha  
Que sobe em mim segundo seu jeito.  
E arma sua teia, sem antes perguntar,  
Entre o meu bico e o meu colarinho.  
Isso não me tira de meu descanso,  
Olho por um bom tempo para ela,  
Talvez tenha sido muito bom,  
Que eu tenha dormido um pouco. –  
Me digam se na aldeia e na cidade  
Um velho galo da torre está melhor?

Às vezes em silêncio um desejo  
Ainda muito me acomete.  
No verão eu queria estar lá fora,  
Às vezes na casa dos pombos  
Onde floresce próximo o jardim,  
E de onde também se vê a região.  
E também na bela época de inverno,  
Como, por exemplo, no dia de hoje:

Eines alten Schreinermeisters Stolz;  
Beschaut sich was da liegt umher,  
Konkordanz und Kinderlehr,  
Oblatenschachtel, Amtssigill,  
Im Tintenfass sich spiegeln will,  
Zuteuerst Sand und Grus besicht,  
Sich an dem Federmesser sticht  
Und gleitet übern Armstuhl frank  
Hinüber an den Bücherschrank.  
Da stehn in Pergament und Leder  
Vornan die frommen Schwabenväter:  
Andreä, Bengel, Rieger zween,  
Samt Ötinger sind da zu sehn.  
Wie sie die goldnen Namen liest,  
Noch goldener ihr Mund sie küsst,  
Wie sie rührt an Hillers Harfenspiel –  
Horch! klingt es nicht? so fehlt nicht viel.

Inmittelst läuft ein Spinnlein zart  
An mir hinauf nach seiner Art,  
Und hängt sein Netz, ohn erst zu fragen,  
Mir zwischen Schnabel auf und Kragen.  
Ich rühr mich nicht aus meiner Ruh,  
Schau ihm eine ganze Weile zu.  
Darüber ist es wohl geglückt,  
Dass ich ein wenig eingnickt. –  
Nun sagt, ob es in Dorf und Stadt  
Ein alter Kirchhahn besser hat?

Ein Wunsch im stillen dann und wann  
Kommt einen freilich wohl noch an.  
Im Sommer stünd ich gern da draus  
Bisweilen auf dem Taubenhaus  
Wo dicht dabei der Garten blüht,  
Man auch ein Stück vom Flecken sieht.  
Dann in der schönen Winterzeit,  
Als zum Exempel eben heut:

E isso eu digo agora – pois aí temos  
Um trenó realmente audacioso,  
Verde, louro e preto; estava sem cor

E foi de novo todo ele pintado:  
Sobre o arco na frente se gaba  
Uma ave estranha esperançosa –  
Se quisessem me limpar um pouco,  
Sem que desse muito trabalho,  
Eu estaria tão bem como ela ali  
E não desonraria ninguém!  
Louco! Penso de novo, tens tua parte!  
Queres ainda agora ter volúpia?  
Me admira, mas se não te agrada,  
Então, como alvo ridículo para o mundo,  
Teu fogão quente, aliás, por fim  
Se ponha para fora contigo e com tudo,  
Que está aí sentado em torno de ti,  
Homem, mulher e filhos, toda a laia!  
Tu não tens vergonha, velho caco?  
Ficar tão ansioso por vaidade?  
Olhe para ti, percebe o teu fim!  
Não terás de novo outros cem anos.

Ich sag es grad - da haben wir  
Gar einen wackern Schlitten hier,  
Grün, gelb und schwarz; - er ward  
verwichen

Erst wieder sauber angestrichen:  
Vorn auf dem Bogen brüstet sich  
Ein fremder Vogel hoffärtig –  
Wenn man mich etwas putzen wollt,  
Nicht dass es drum viel kosten sollt,  
Ich stünd so gut dort als wie der  
Und machet niemand nicht Unehrl!  
Narr! denk ich wieder, du hast dein Teil!  
Willst du noch jetzo werden geil?  
Mich wundert, ob dir nicht gefiel',  
Dass man, der Welt zum Spott und Ziel,  
Deinen warmen Ofen gar zuletzt  
Mitsamt dir auf die Läufe setzt',  
Dass auf dem Gsims da um dich säß  
Mann, Weib und Kind, der ganze Käs!  
Du alter Scherb, schämst du dich nicht,  
Auf Eitelkeit zu sein erpicht?  
Geh in dich, nimm dein Ende wahr!  
Wirst nicht noch einmal hundert Jahr.